

Gente. que Faz a Cidade é uma série de entrevistas que, semanalmente, aos domingos, focaliza uma personalidade capixaba. São entrevistadas pessoas de diversos níveis sociais e culturais que trazem, por suas idéias, novas contribuições a maneira de ver a vida capixaba, nos seus aspectos cultural, social e político.

Luzimar Nogueira Dias

Resgatando a memória do Espírito Santo

A109081

Apesar de pouca gente saber, o Espírito Santo, mais precisamente na região do Contestado, em Ecoporanga, foi palco de um dos movimentos pioneiros de lutas entre camponeses e latifundiários pela posse de terras. A resistência dos posseiros contra grandes fazendeiros provocou um massacre onde dezenas de pessoas foram mortas graças à forte repressão policial desencadeada. Para contar essa parte da história do Espírito Santo, o jornalista Luzimar Nogueira Dias estará lançando no próximo dia quinze na Galeria de Artes Homero Massena o seu mais recente livro: **Massacre em Ecoporanga (Lutas Camponesas no Espírito Santo)**. O livro procura resgatar essa parte esquecida da história do povo capixaba. Uma história que, em termos de colonização e desbravamento do Interior do Estado, se constitui num dos mais belos movimentos em defesa dos direitos pela posse da terra.

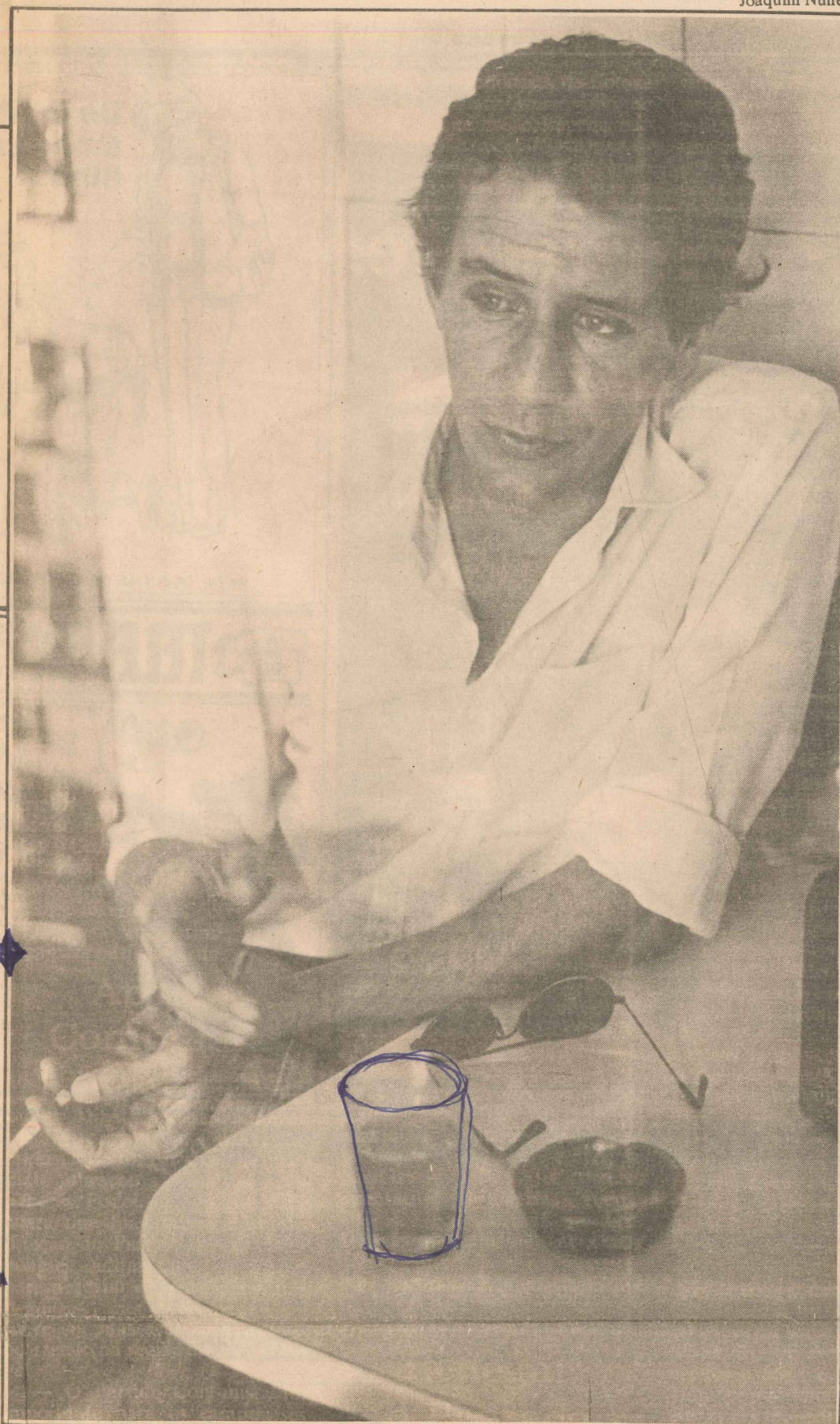
Nelsa Amaral

Aos poucos a verdadeira história do Espírito Santo, até agora renegada pela his-

tendências ideológicas e partidárias do jornalista, lhe apontou a história dos camponeses da região e a sua certeza de que o fato interessaria de imediato ao jornalista. Não deu outra, apesar de só

terras, os latifundiários contrataram jagunços, e o massacre foi iniciado.

— Os latifundiários tinham o total apoio da Polícia Militar do Espírito Santo da época e co-



Joaquim Nunes

Luzimar:
acabando
com a história
de que o povo
é pacato.

Aos poucos a verdadeira história do Espírito Santo, até agora renegada pela história oficial, vai se formando. Somando-se à publicação do livro *Espírito Santo — Maldição Ecológica*, do jornalista Rogério Medeiros (um documento sobre o processo de destruição ecológica do Estado), mais um pedaço da história do povo capixaba está nas páginas de um livro. Desta vez em *Massacre em Ecoporanga* Lutas Camponesas no Espírito Santo, do jornalista Luzimar Nogueira Dias. O livro/documento é um relato do massacre dos camponeses por fazendeiros e tropas policiais, na área do Contestado, em Ecoporanga.

Sem dúvida o livro é uma grande contribuição para a memória do Estado. A história já é conhecida. O mesmo Luzimar Dias, há dois anos, foi detentor do prêmio Thiers Vellozo de jornalismo, juntamente com Angelo Zurlo, outro jornalista que contribuiu com uma série de reportagens sobre o assunto. Agora o texto foi ampliado e novos fatos acrescentados. A resistência dos camponeses capixabas aos latifundiários mineiros, baianos e cariocas, finalmente estará registrada e, por expor esse movimento decisivo do processo histórico do Estado, Luzimar Nogueira Dias foi o escolhido desta semana para integrar o quadro Gente que Faz Cidade.

O Escritor

Natural de Colatina, Luzimar Nogueira Dias iniciou suas atividades jornalísticas em 1974 no antigo *O Diário*, como repórter. Também como repórter trabalhou em *A TRIBUNA*, onde também atuou como redator, editor e secretário de redação. Também trabalhou em *A Gazeta* como redator e foi fundador, repórter e editor do jornal *Posição*.

Até escrever a história da luta dos camponeses em Ecoporanga, Luzimar passou por momentos nem sempre fáceis. A começar pela sua primeira viagem a Ecoporanga. Trabalhava na época em *A TRIBUNA* então sob a direção do hoje desembargador Antônio José Miguel Feu Rosa. Luzimar conta que Feu Rosa o queria como redator para sua campanha política, e para isso tinha que acompanhá-lo por diversas cidades do Interior do Estado.

Apesar de alguma resistência inicial, acabou em Ecoporanga, onde Feu Rosa, já conhecendo as

tendências ideológicas e partidárias do jornalista, lhe apontou a história dos camponeses da região e a sua certeza de que o fato interessaria de imediato ao jornalista. Não deu outra, apesar de só ter iniciado a pesquisa dois anos depois. "A minha vontade era de ter acabado naquele momento o meu compromisso com Feu Rosa e iniciado a reportagem. Mas não deu. Estava sem dinheiro e sem condições", disse.

De volta a Vitória se demitiu do jornal e foi participar do jornal *Posição*. Decidiu começar as investigações, ouvindo depoimentos. A série de reportagens que veio a seguir lhe valeu o prêmio Thiers Vellozo e a vontade de aprofundar a investigação originou o livro. Ele não esconde que foi motivado por suas tendências ideológicas e por isso dedica o livro aos guerrilheiros desaparecidos Arildo Valadão, e José Maurílio Patrício, combatentes da guerrilha do Araguaia. "pelo compromisso deles com a revolução".

O Conflito

O livro conta a história pioneira da resistência e da luta camponesa no Estado, que se passou em Ecoporanga, numa área cujos domínios eram requeridos pelos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo (a chamada região do Contestado). O conflito pela terra em Ecoporanga começou a partir da colonização, quando chegaram pioneiros da região do Sul da Bahia, parte de Minas e Espírito Santo. Dois focos de resistências e de conflito pela terra se deram: um na região de Cotaxé (onde houve a participação do Partido Comunista do Brasil) e outro na área de Itapeba.

Os dois movimentos foram isolados, mas ao mesmo tempo. Em Itapeba, os camponeses não tinham qualquer organização, mas a pressão dos fazendeiros e latifundiários os levaram a um movimento de resistência pioneiro no Estado. A área em litígio, deixava os documentos de títulos de propriedade com uma legalidade bastante discutível, o que levou diversos latifundiários a reclamar a posse das terras.

Os posseiros chegaram à região no final da década de 40, mas em seguida indústrias madeireiras resolveram se instalar na região, iniciando assim os conflitos. "Quando a indústria madeireira chegou e a pecuária também, eles encontraram os pequenos camponeses. Os pretensos proprietários vinham com títulos de Minas Gerais e se diziam donos da terra", conta o escritor. Para garantir as "suas"

terras, os latifundiários contrataram jagunços, e o massacre foi iniciado.

— Os latifundiários tinham o total apoio da Polícia Militar do Espírito Santo da época e começaram a ameaçar, agredir e escurraçar os camponeses. Em Itapeba, na fazenda Rezende, os camponeses não tinham aquele espírito de luta, não estavam organizados e paulatinamente tiveram suas casas destruídas, suas terras queimadas. Já em Cotaxé, sob a orientação do Partido Comunista do Brasil, os camponeses resistiram bravamente — prosseguiu Luzimar.

O Massacre

Em Itapeba, conforme relata o escritor, em 1960, uma coluna sob a liderança do tenente Euclides dos Santos, então delegado de Mucurici, acompanhado de jagunços dos fazendeiros, expulsou todos os camponeses que regressaram após um ano. Na volta, nova denúncia foi feita junto ao então secretário de Interior, general Darcy Pacheco de Queiroz, que "sem examinar qualquer documento, enviou 100 policiais militares sob o comando do coronel Tércio de Souza, o então capitão Décio Nascimento e destruíram todas as benfeitorias, queimaram plantações e expulsaram os camponeses".

Na época se falava em dezenas de mortos, embora oficialmente apenas duas mortes — de um campones e de um soldado — foram registradas. Já em Cotaxé, a partir de 1955 o Partido Comunista do Brasil tinha uma base na região com três elementos, que iniciaram um trabalho de cooperação junto aos posseiros ameaçados e em conflito com os latifundiários. Outros elementos foram arregimentados para os quadros do PC do Brasil de Ecoporanga, entre eles diversos camponeses, chegando a totalizar trinta camponeses um número significativo considerando a região.

— Esse pessoal foi escurraçado, mesmo com a orientação e o apoio do Partido. Mas também tiveram suas casas queimadas e o governador Francisco Lacerda de Aguiar depois de receber denúncias do massacre na região, interviu e conseguiu amenizar o conflito, mas a questão da propriedade e da posse continuava um problema. A cada dia que passava o latifundiário passou, a, de novo, com a ajuda da Polícia Militar, a massacrar os camponeses. Várias lideranças sofreram atentados, outros foram mortos.

— Até que, em 25 de janeiro

de 1962, a Polícia foi ajudar os latifundiários a medirem as terras e quando chegaram na primeira fazenda, (a primeira posse) foram surpreendidos na entrada por José Jesuino, filho de um dos maiores líderes dos camponeses, e não conseguiram fazer o que pretendiam. Foram barrados pelos camponeses que impediram a entrada dos jagunços e policiais. Foi uma resistência muito bonita aquela.

Essa resistência dos posseiros foi tanta que os latifundiários se sentiram obrigados a entrar em negociação com os camponeses. O acordo por outrolado foi facilitado pela insegurança que reinava entre os camponeses, já que as ofensivas policiais se tornavam mais violentas. Um latifundiário conforme relata Luzimar Dias, chegou a ter seu carro (uma Rural) totalmente destruído pelas balas de posseiros tocados.

Outros camponeses também sofreram atentados que se tornavam cada vez mais próximos de serem concretizados, aumentando assim a insegurança de permanecer no local, o que facilitou as negociações entre as partes. Desse camponeses, muitos se transferiram clandestinamente para outros Estados, principalmente Mato Grosso e Rondônia. Aqui no Estado, muitas dessas lideranças foram acusadas pelos atentados e assassinatos ocorridos na região motivando ainda mais a fuga para outros Estados.

Apoio Comunista

O êxito obtido pelos posseiros da região de Cotaxé, para Luzimar Dias, foi basicamente graças ao apoio do Partido Comunista do Brasil que, de imediato, abraçou a causa dos camponeses. Por outro lado, o escritor conta que foi também devido à direção do Partido que os camponeses adquiriram um canal para negociar e inclusive levantar denúncias junto as autoridades sobre o massacre que estava ocorrendo na região de Ecoporanga:

— O Partido Comunista foi importante para os camponeses porque seus membros tinham acesso junto ao Governo Estadual. A direção do Partido dialogava com o governador, com o secretário, enfim tentava amenizar a situação dos pos-

seiros. Os camponeses de Cotaxé tinham então um acesso junto ao Poder, o que os de Itapeba não tinham

O Poder por sua vez, segundo análise do autor, não via na resistência dos camponeses um movimento "de comunistas", apesar da participação do PC do Brasil. Algumas lideranças foram taxadas de comunistas — e muitas delas realmente faziam parte dos quadros do Partido. "O general Darcy Pacheco de Queiroz chegou a lançar um livreto na época, querendo justificar o massacre em Itapeba colocando depoimentos de pessoas acusando lideranças de comunistas".

A participação do Partido Comunista do Brasil, segundo Luzimar Dias, foi motivada pela forte repressão sobre os posseiros, então indefesos e desorganizados. "Tinha muita gente que nem era comunista, haviam maçons e pessoas que só participaram para apoiar os posseiros, que também contavam com o apoio da população de Ecoporanga, que não estava diretamente envolvida no conflito".

A população da região procurava apoiar o movimento arregimentando assinaturas para solicitar ao governador Carlos Lindenberg que regularizasse as terras de Ecoporanga. O Governo Lindenberg por sua vez, "teve um comportamento dúbio no episódio", segundo Luzimar. Se em Itapeba, onde os comunistas não tinham penetração, o Governo foi muito mais violento na repressão. Já em Cotaxé o Governo foi mais omisso, apesar da presença do Partido Comunista.

A penetração dos comunistas no movimento dos camponeses, segundo Luzimar Dias, se processou basicamente a nível de organização. Não foi preciso orientação de táticas guerrilheiras. A resistência se dava através de tocaias, arrancar "mata burros" e outros métodos. "O Partido fazia basicamente reuniões com os camponeses e ajudaram na sua organização".

Renegar o Passado

Apesar da importância do movimento deflagrado, Luzimar conta que muitos dos participantes hoje se negam a discutir sobre o ocorrido. Alguns desses par-

ticipantes — do lado dos camponeses — "renegam o passado" e hoje estão atuando em cargos importantes, seja em órgãos públicos ou privados, a exemplo do ex-secretário de Interior e Transportes do governo Eurico Rezende, Antônio Carlos Pimentel, que segundo Luzimar, atuou na organização dos posseiros.

Outros, que por força das circunstâncias tiveram que deixar o Estado, lamentam pelo fato e com orgulho lembram do movimento, que consideram "uma das formas mais belas de luta pelos seus direitos". Essa, segundo Luzimar Dias, talvez seja a maior contribuição que o livro dá para a história do Espírito Santo:

— Essa é uma parte que a história oficial não conta, porque prefere mostrar que o povo brasileiro é pacato, gentil, e ordeiro. Na verdade isso não ocorre, o povo é rebelde como todo povo. Não adianta vir com essa história de que o povo brasileiro é de uma índole pacífica, como se o povo não soubesse reagir. Isso está disseminado até dentro da própria esquerda, onde tem muita gente que pensa que o povo pode ser carregado de lá para cá.

— A história oficial brasileira — prosseguiu ele — nunca contou o que realmente se passou. Ela prefere fazer teses, doutorados e tudo sobre o movimento urbano, mas o movimento camponês está sempre isolado, como se o camponês tivesse excluído do processo histórico. Como se fosse um retardatário e isso não é real. O movimento deflagrado na região do Araguaia, onde também houve a participação do Partido Comunista do Brasil, só foi levado ao conhecimento público devido as suas proporções. O que muita gente se esquece é que o movimento camponês, é o único que mantém um enfrentamento direto com o Exército ou a Polícia Militar.

A importância do movimento de resistência em Ecoporanga deve-se por ter sido o primeiro enfrentamento direto entre camponeses capixabas e forças policiais. Em Cotaxé os camponeses cercaram por três dias o distrito. Durante esse tempo não saía nem entrava ninguém. Além disso, como admite o próprio Luzimar, tudo que possa ser lembrado — e o livro tem essa finalidade — em termos de luta, "é mais um aprendizado, um resgate do nosso passado".